5.° Anno — Guimarães, 14 de Março de 1908 — Numero 219

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno ... 1$300 rs.
Semestre ... 650 „
Trimestre ... 350 „
Numero avulso ... 30 „

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas, director, proprietario e administrador de *A Restauração*.

Redacção e Administração
R. de Payo Galvão—Guimarães

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha ... 20 „
No corpo do jornal ... 100 „

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Composição e Impressão
Typographia Minerva Vimaranense

A "Voz de Santo António,, fòra dos eixos

IV

Recapitulemos.

Demonstramos aqui que a *Voz de Santo António* estabelece distincção entre deveres sociaes e deveres de consciência, e, «*portanto, separação da Igreja e do Estado, do cathólico e do cidadão* (Encycl. *Pascendi*). Pio X declara que os princípios, de que tal doutrina deriva, já foram solemnemente condemnados pela Igreja; e elle próprio a considera como fazendo parte do systema modernista, contra o qual fulmina vehementes condemnações.

Tendo nós concluído de tal erróneo princípio que então ha uma categoria de actos moraes que ficam fòra da jurisdicção da Igreja, os revs. redactores da *Voz de Santo António* responderam que de facto entendem «que ha deveres sociaes com que a Igreja nada tem». Ora esta proposição, cujo sentido litteral é claríssimo e aïnda confirmado pelo estado da questão, é contrária à doutrina cathólica solemnemente definida pela Igreja; e acha-se alcançada pela condemnação fulminada pelo concílio do Vaticano, na *Const. Dogmat. De Eccl. Christi*, cap. III.

Estando tudo isto (que sam os dois principaes erros da parte atè agora analysada dos artigos da *Voz de Santo António*), estando tudo isto—dizemos—affirmado e demonstrado publicamente, o último número do nosso collega acha bôas as nossas accusações e acceita-as com o seu silêncio sobre o assumpto. Nem uma palavra para se retratar, nem sequer para dizer aos seus leitores que não era aquelle o sentido das suas expressões!

Antes de passarmos à análise doutros gravíssimos erros dos illustres Franciscanos, pedimos licença aos seus superiores para lhes lembrar a rigorosa obrigação que sobre semelhantes coisas lhes impõi o summo Pontífice na sua admiravel encyclica. O Papa, depois de accentuar a frequência com que alguns sacerdotes publicam escriptos maculados de modernismo «(*scripta modernismi labe infecta*»), e de impor aos Bispos a obrigação de advertir taes sacerdotes e de os prohibir de escrever, diz: «*Idipsum religiosorum moderatores ut praestent* gravissime *admonemus: qui, si negligentius agant, Ordinarii auctoritate Pontificis Maximi prouideant.*» Se esta *gravissima* obrigação, imposta pelo supremo Pastor, continuar a ser desprezada por aquellas a quem primeiro compete, não só o zeloso Prelado diocesano se verá obrigado a cumprir a parte que lhe cabe, mas poder-se-ha dizer com verdade que os erros não sam da redacção da *Voz de Santo António*, mas sim da ordem Franciscana. Vai-se em caminho de quatro meses que foi publicado o artigo, a que atè hoje se tem especialmente referido a nossa crítica.

Uma circunstância, que mais aggrava a obrigação de se intervir no teor de coisas a que nos referimos, é a de que os responsaveis pelos escriptos publicados na *Voz de Santo António* tambem o sam—segundo nos informam—na direcção e magistério dum curso de theologia em que se preparam candidatos para as sagradas ordens. O Papa ordena que taes pessôas sejam removidas do ensino sem contemplações: «*Quicumque* modo quopiam *modernismo imbuti fuerint, ii, nullo habito rei cuiusuis respectu, tum a regendi tum a docendi munere arceantur; eo si iam funguntur, remoueantur*» (Encycl. *Pascendi*).

*

Mas prosigamos na análise e crítica dos incriveis erros ensinados pelos revs. redactores da *Voz de Santo António*.

Dos dois erros, a que acima nos referimos e que, como dissemos, sam, não os únicos, mas os principaes contidos na doutrina atè hoje analysada, se infere que não é *caso de consciência* (assim se exprimem os revs. escriptores) a questão do voto nas eleições. Mas isto não só se infere dos ditos erros, mas de muitas outras affirmações contidas em vários números da *Voz* e nos escriptos cuja publicação nos exigiram os illustres redactores.

Recordemos algumas.

No artigo de fundo de dezembro (sobre que tem versado especialmente a nossa crítica atè hoje), lê-se: «no campo da *política pura* cada um pode manter as suas ideias individuaes. Se assim não fosse, seria interdito dar apoio a deputados de um partido liberal.» Dizer que o «dar apoio a deputados de um partido liberal» é um acto de *política pura* revela—para lhe não chamarmos uma completa ignorância da questão—um propósito escandaloso de justificar a cooperação com os partidos liberaes: «porquanto o liberalismo..... é um systema político-religioso, não *mèramente politico (non mere politicum)*, e condemnado absolùtamente pela Igreja como sôa sob o seu nome de liberalismo; de modo que nada do que seja liberalismo pode ser bom, e nada do que seja bom pode ser liberalismo» (P. V., *Casus conscientiae, De natura liberalismi*). Fica todavia de pé a opinião dos revs. redactores da *Voz*: não é «interdito dar apoio a deputados dum partido liberal».

Em seu número de fevereiro findo, fallando do nosso assumpto, os revs. escriptores zombam da «theoria do peccado»: dizem que não «devemos arranjar peccados de encommenda», nem «para apanhar votos podemos inventar peccados para aí a torto e a direito», etc. E, na *réplica* publicada no passado número de *A Restauração*, explicam que nestas zombeteiras expressões fallavam contra os nacionalistas «que defendem o chamado *caso de consciência*, dizendo-lhes que o que elles affirmam não é verdade».

Contra estas e outras semelhantes affirmações claras e formaes nada depõem outras passagens astuciosas, como a seguinte: «A religião só me obriga a negar o meu voto a qualquer homem, quando eu tenho a certeza moral de que elle vai hostilizá-la, espezinhá-la, escarnecê-la.» Alèm da monstruosidade moral contida nesta proposição e cuja discussão não é para agora, veja-se como os illustres theólogos trazem ao campo prático semelhante doutrina: «Ora a questão religiosa entre nós tem sido um mero expediente *fortuito* para abafar questões políticas graves, e por conseguinte imprevistas para os votantes.» Desta forma, aïnda que esta última proposição fosse verdadeira, era lícito cooperar com partidos que de tal modo subordinam a religião à política, que levantam questões religiosas como expediente para abafar questões políticas! Aïnda que aquella proposição fosse verdadeira — dizemos nós —; porque os mesmos escriptores reconhecem que, se os taes partidos podem ser bons a outros respeitos, «a sua religião ou os actos políticos que com ella se ligam é que o não sam, como prova a experiência de longos annos.» Ora, se aïnda nestas circunstáncias a religião não obriga ninguem a negar o voto aos auctores de taes males, e se o modo como se governam os negócios temporaes da nação não é factor para o eleitor formar a sua consciência (porque, segundo a *Voz*, a religião «*só obriga*» naquelle caso): segue-se que, pràticamente, o voto nas eleições não é *caso de consciência*; porque se não póde presumir que um candidato ou partido venha dizer mais clàramente a eleitores cathólicos que lhes vai hostilizar, espezinhar, escarnecer a religião.

Mas estes modos de dizer, astuciosos e disfarçados, aïnda que fundamentalmente equivalentes àquell'outras affirmações formaes, têm a damnada efficácia de encobrir o veneno, seu e das outras, perante o qual, sem essa poeira, recuariam algumas almas. Bem haja o Papa, que, conhecendo bem a astúcia do êrro, previne os cathólicos contra semelhantes indignos estratagemas.

Em summa, o voto nas eleições não é *caso de consciência*, segundo os theólogos da *Voz de Santo António*.

Desta doutrina infere-se: 1.° que ninguem é obrigado a concorrer às eleições, qualquer que seja o resultado da abstenção; 2.° que não é peccado dar o voto a um partido ou a um candidato, qualquer que seja a sua immoralidade em tratar os negócios temporaes do estado, e aïnda que a experiência demonstre que os seus actos políticos relativos à religião sam maus, e se saiba que elle é capaz de levantar uma questão religiosa como expediente político; 3.° que nem o clero nas suas instrucções e na direcção das almas, nem a imprensa cathólica devem fallar em deveres eleitoraes.

Convidamos os illustres theólogos Franciscanos a demonstrarem-nos que estas conclusões da sua doutrina estám mal deduzidas. Para refutação, a não suppormos os leitores muito faltos de bom juizo, basta têlas formulado. Mas, se algum leitor menos lido nos tratados cathólicos que versam estas matérias, quiser ver confirmado o seu pensar com palavras auctorizadas, aqui lhe vamos citar alguns auctores, em número e qualidade sufficiente para provar que os illustres sacerdotes da *Voz* aïnda nisto ensinam o contrário da Igreja cathólica.

As nossas theses sam práticas e oppostas àquellas tres conclusões da doutrina da *Voz de Santo António*. Iremos allegando os textos mais accommodados a cada uma: mas a separação não pode ser completa, porque alguns dos textos servem para provar mais do que uma das tres theses; mas nada se perderá com isso. Pouparemos quanto possivel palavras nossas; mas sublinharemos alguma passagem mais digna de nota.

I. *Um cathólico, nas circunstáncias em que se encontram os cathólicos portugueses, é obrigado a votar nas eleições.*

«Em si, o uso de votar, o direito de votar não envolve necessàriamente a obrigação de votar. Atè ha casos em que é prohibido fazê-lo. Assim, os soberanos pontífices Pio IX e Leão XIII prohibiram formalmente aos habitantes dos Estados da Igreja que tomassem parte nas votações que têm por fim a eleição dos deputados ao parlamento italiano, desde a intrusão dos Piemonteses em Roma, porque taes votações podiam ser consideradas como reconhecimento e acceitação, da parte dos eleitores, e até contra a sua intenção, do roubo sacrílego dos bens de S. Pedro.

«Ha outros casos em que o exercício do direito de votar não é mandado nem prohibido absolùtamente. Isto dá-se, quando se trata de coisas indifferentes quanto à moral e quanto às consequências do voto: por exemplo, quando dois candidatos, que prudentemente se podem considerar como egualmente esclarecidos, egualmente honestos e egualmente zelosos, se propõem aos suffrágios dos seus concidadãos, não ha para cada eleitor nenhuma obrigação séria de ir votar, visto que os interesses da communidade, qualquer que seja o eleito, ficam em bôas mãos.

«Mas já não acontece o mesmo, quando os votos dos eleitores sam sollicitados por vários candidatos, dos quaes uns sam favoraveis à religião, e os outros indifferentes, e sobre tudo hostis. *Neste caso, ha, para os eleitores cathólicos, obrigação rigorosa de ir votar. E' o que os senhores Bispos*, que foram especialmente estabelecidos pela Igreja para serem os doutores e os guias dos fieis, *sam unánimes em ensinar e prescrever*, em suas lettras e pastoraes, aos seus diocesanos. «Prouvera a Deus» escreve o senhor Bispo de S. Cláudio (18 8) «que os fieis chamados a votar cumprissem bem *os deveres impostos à sua consciência!* Todos se dirigiriam aos comícios eleitoraes, porque *a abstenção é um crime.*» O snr. Bispo de Marselha escreve egualmente (1889): «*O voto do eleitor* (nas circunstáncias acima ditas) *é um dever de consciência*. Não tomar parte nas eleições seria commetter um acto de negligência, ouso dizer de cobardia, inexplicavel num christão, que deve conhecer o preço do dom da fé e a necessidade de assegurar o seu beneficio para si e para os seus.» Finalmente, para os não citar a todos, eiz como se exprime o Bispo de Angers sobre o dever de votar (1889): «E' um principio de moral» diz elle «que cada qual é obrigado a concorrer para o bem geral na medida das suas fôrças. *Todo aquelle que a isso se nega, falta ao seu dever e encarrega a sua consciência.* Se o mal triúmpha em consequência da nossa negligência em o combater, quando ha esperança de o vencer, a nós cabe essa falta e *Deus nos pedirá contas della*. Abster-se em tal caso, ficar-se em casa, em logar de ter parte no esfôrço commum, é procedimento dum homem mal esclarecido sobre as suas obrigações ou pouco cuidadoso de as cumprir. Não ha distáncia que deva deter-nos, nem negócio que possa ter mão em nós, quando se trata dum acto tam importante.»

«Este ensino episcopal não é particular à Igreja de França: encontra-se em todos os outros estados, quer cathólicos, quer até heréticos; na Inglaterra como na Itália, na Allemanha como na Bélgica, nos Estados-Unidos como na Hispanha. «*O voto é um dever de consciência*» diz formalmente o Arcebispo de Colónia numa de suas cartas pastoraes (1888). E já no anno de 1831, pouco depois da formação do reino da Bélgica, o Bispo de Liège, levantando solemnemente a voz, dizia como os nossos Bispos de hoje: «Declaramos aos eleitores que ha para elles *obrigação de consciência* de se não subtrahirem à parte que podem legalmente ter nas eleições e na formação dos grandes corpos do estado.»

«Accrescentemos emfim que as congregações romanas e diversos concílios provinciaes, tendo tido várias vezes de se occupar *do gravissimo dever de votar* que se impõi aos cidadãos, sempre declararam que havia para elles obrigação de o cumprir.

«E como poderia deixar de ser assim? Como é qne os cathólicos, quando se trata de nomiar delegados para gerirem os interesses do concelho ou da pátria, e vêem *homens capazes de fazer o mal ou de o deixar fazer* apresentarem a sua candidatura: como é que — digo — poderiam elles deixar de ser obrigados a tomar parte na votação, para frustrar taes candidaturas? *Aïnda que se não tratasse senão do bem público material*, não podíamos ser, em semelhante caso, dispensados da obrigação de votar. Porquanto, se cada qual é obrigado, pelo menos por caridade, a prestar a uma pessôa, aïnda que ella lhe seja estranha, todo o bem que pode, e a afastar della um mal de que a veja amiaçada; com mais forte razão somos obrigados ao cumprimento dos mesmos deveres, quando se trata de todo um povo, e esse povo é composto de nossos parentes, de nossos amigos e de nossos concidadãos. Ora quem dirá que um candidato honesto e religioso, se for eleito, não será um bem para todos, porque todos os seus actos serám necessàriamente justos e desinteressados? E, pelo contrário, quem dirá que um candidato impio ou sem honestidade, ou fraco e cobarde, se obtiver o mandato que deseja, não será um flagello para todos, porque em tudo quanto fizer não tomará certamente por guia senão o seu próprio interesse, quando se não guiar pelo ódio brutal dos outros? Daí pois, para vós, *a obrigação rigorosa de tomar parte na votação*, para afastar o segundo e eleger o primeiro.

«Mas nós não somos só cidadãos, interessados na bôa administração dos negócios interiores e exteriores da nação, na honra da pátria no exterior, na economia dos nossos dinheiros no interior, no bem e prosperidade de todos. Somos tambem christãos, que temos um Deus para servir, os filhos para educar na nossa fé, a nossa salvação para operar e a nossa alma para salvar. Ora não é evidente que todos estes deveres superiores e sagrados se nos tornarám dum cumprimento extremamente difficil, e até algumas vezes impossivel, se os eleitos do suffrágio empregarem a auctoridade que tiverem da lei em perseguir a religião, em remover a Deus da vida pública, em desorganizar o culto, em fechar a escola aos mestres christãos, em impedir o recrutamento do clero, em lhe embaraçar a administração dos sacramentos, em o arrastar para o schisma? O que sendo assim—vo-lo digo eu outra vez—, não vemos quanto é necessário, quanto é indispensavel, que usemos do nosso direito de votar, para impedir semelhantes males, e quanto seríamos culpados, se delle nos abstivéssemos por qualquer causa? Não hajamos dúvida: Deus não nos pedirá contas sòmente do mal que tivermos feito;

pedir-nos-ha tambem contas do mal que tivermos podido trabalhar por impedir, e que não tivermos impedido. E que mal irreparavel não é a eleição de deputados indignos!

Portanto, nada de abstenção; tomemos todos parte na votação, porque os nossos interesses, materiaes e espirituaes, nos impõem a todos essa *obrigação rigorosa.*» (P. D'Hauterive, *A l'approche des elections*).

Continuaremos, se Deus quiser.

P.e J. L. Leite de Faria.

A' SOBREPOSSE

III

Sob esta epigraphe, que nos dois últimos números adoptamos para a publicação da supposta rectificação da *Voz de Santo António*, enfeixamos hoje vários assumptos connexos com a campanha emprehendida contra os erros do nosso collega. Conservamos o título, mas no sentido de que desejáramos não nos ver obrigados a escrever esta secção.

*

"*Omnia in peius...*»

Era de esperar que a *Voz de Santo António*, no primeiro número publicado depois das nossas graves accusações, aquietasse os seus leitores, ou demonstrando que as accusações eram infundadas, ou retratando lealmente os erros que tanto escândalo causaram. Nada disso fez. O que o seu despeito lhe ditou a respeito da nossa justíssima campanha é o seguinte:

«Podem alegar talvez que o artigo de fundo a que nos referimos foi ultimamente atacado. Não nos admira, pela falta de lealdade com que fômos tratados. Tendo nós feito uma retificação a esse ataque, não só não foi publicada, mas foi novamente atacada a propria retificação, transcrita aos pedaços, desligados do contexto, deixando-se os leitores sem saber do que se tratava e sem um meio de verificar o que nós diziamos. Como se alguem tivesse direito a criticar em publico o que não tinha sido apresentado ao publico!

«Além disso deu-se á questão um rumo tal, que a *Voz de S. Antonio* julga-se no dever de não descer até aí.

«Se se dissesse que a pena dum escritor o atraiçoou, que exprimiu mal uma ideia e até que se torna necessario retiral-a, compreendia-se,—que dos não somos infaliveis. Mas que se atribua a uma corporação inteira o fim oculto de ensinar o erro «não por lapso mas por systema» e se insinue que essa corporação está incursa nas penas da encíclica contra o modernismo e até que somos herejes, isso, além de um... excesso, não pode ser tomado a sério.

«A maior parte dos nossos leitores nada tem que vêr com esta ultima questão. Mas nós precisavamos de lhe consagrar esta triste referencia—só em atenção áquelles que della tivessem conhecimento.

«Fique pois bem assente:—A *Voz de Santo Antonio* nunca combateu o Nacionalismo.»

A gente pasma da ousadia com que taes palavras se publicam em letra redonda, para conhecimento daquelles mesmos que conhecem os factos a que ellas se referem. E lembrar-se a gente de que tudo isto é da formal responsabilidade de quem, por mais do que um título, é obrigado a dar o exemplo do amor à verdade!...

Tinhamos — é certo—declarado o propósito de publicar por partes a supposta *retificação*, e logo começáramos a cumprí-lo: mas, aínda que levássemos até ao fim esse modo de publicação, poderia alguem dizer, sem faltar abertamente à verdade, que não publicamos a *rétificação?* Mas, tendo os revs. redactores da *Voz de Santo António* mandado uma carta ao snr. director de *A Restauração* para que a publicação se não fizesse por partes, sob pena de o levarem a mal, como classificar a affirmação feita a milhares de leitores de que não foram attendidos, antes de receberem a resposta da carta? E aí está o facto de que a maior parte dos leitores de *A Restauração* já podiam ter lido a decantada *rétificação*, quando a *Voz de Santo António* veiu negar que tal publicação se tivesse feito! Como se ousa fazer em público uma affirmação desta natureza?

Desmentida assim a incomprehensivel accusação de «falta de lealdade», com que nos brindam os revs. sacerdotes, repetir-lhes-hemos que accedemos à sua vontade verdadeiramente *à sobreposse*. Com perigo de incorrermos em mais graves iras, dir-lhes-hemos que tivemos tentação de não publicar nenhum dos 14 linguados a que chamaram *rétificação*: e isto, não em nosso interesse, pois, como se viu, nada lá havia que infirmasse as nossas accusações; mas no interesse dos revs. signatários, que a si mesmos infligiam, naquelles 14 linguados, um labeu nada honroso. Nem theologia, nem lógica, nem grammática, nem sequer modéstia..... E publicar-se tal documento assignado por sacerdotes, membros duma ordem religiosa!... Exigiram de nós a publicação; fizemo-la. Mas virem agora dizer que a não fizemos!.... «Necessario é que uma causa seja muito pobre,» diremos nós com os illustres Franciscanos «quando tem de ser, deste modo, defendida.» Lamentamos muito que o amor da verdade nos obrigue a deixar os nossos collegas em tam lastimosa situação.

Em seguida, os revs. redactores da *Voz* declaram, com um desdem que o grande patriarcha de Assis decerto não empregava: «deu-se à questão um rumo tal, que a *Voz de Santo António* julga-se no dever de não descer até aí.»

A falta de verdade, a insídia, a vileza (desculpem os leitores que chamemos às coisas pelos seus nomes: perante semelhantes audácias, exige o amor da verdade que não haja indulgência), que estas palavras encerram, não se admiraria em certas gazetas desavergonhadas, de que aliás *pelo menos* o illustre director da *Voz* se não peja de fazer escandalosa propaganda: mas que tal impudência se estadeie no órgão duma ordem religiosa!.....

Quem ler taes palavras, que conceito ha de ficar fazendo da campanha contra a *Voz de Santo António?* Que é uma campanha de regateiras, uma campanha indecorosa, uma campanha que a si mesma se refute, uma campanha indigna de attenção e só merecedora de desprézo. Com taes argumentos pretendem os illustres Franciscanos annullar as nossas graves accusações, pelo menos perante aquelles que saibam da nossa campanha sem nos ter lido? Semelhante intuito não tem nome: mas nós procuraremos dar mais publicidade à nossa campanha.

Mas qual tem sido então, da nossa parte, o rumo e teor da questão? Demonstrar, em termos graves e sérios, que os revs. escriptores da *Voz* têm doutrinado perigosos erros. Queriam elles talvez que, a pretexto de paz, que seria uma cumplicidade criminosa, deixássemos lavrar o seu apostolado de perdição, ou aínda lhe tributássemos o indigno «*amen*» da inconsciência ou da lisonja? Antes de o fazer, quebraríamos a penna de escriptores cathólicos.

Mas, se os revs. redactores julgam a questão tanto abaixo dos seus méritos e talentos, a que propósito veiu aquella alluvião de linguados, que nos encheram tantas columnas, e as repetidas exigências de publicação? Responda Bocage:

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: «Estám verdes; não prestam;
Só cães os podem tragar.»

Se os não trincou, não foi porque lhe não fizesse as diligências—segundo explica o fabulista romano—, *summis saliens uiribus* («*summis uiribus*», isto é, «com 14 linguados»): mas nem por isso deixou de se despedir delles com desdem!.....

A que desares se não expõi quem se aparta da estrada real da verdade! Que abysmos o não esperam!

Muito quiséramos saber em que princípios se funda a *Voz de Santo António* para decretar a impossibilidade de que haja em «uma corporação inteira o fim occulto de ensinar o erro, *não por lapso mas por systema*»; de que «essa corporação esteja incursa nas penas da encyclica contra o modernismo»; e de que alguem até seja hereje. Os revs. redactores fallam destas accusações, como quem julga impossivel o objecto dellas. Isto é que nos parece pouco digno de «ser tomado a sério»: cuidam acaso que basta isto para desfazer os nossos argumentos? Suppõem-se os leitores muito alheios ao bom juizo.

Quanto à «corporação inteira», não sabemos se os nossos collegas se referem a toda a ordem Franciscana, ou apenas aos revs. redactores da *Voz*. Se nos accusam de termos attribuido a toda a ordem os erros que temos combatido, é evidente—para quem nos houver lido—que excedem o alcance das nossas palavras. Se entendem apenas a corporação dos redactores da *Voz*, não vemos de que nos possam reprehender neste ponto. O artigo, que tem servido de base às nossas principaes accusações, não traz assignatura: a quem o havemos de attribuir senão à redacção? As suppostas *rétificações*, que tanto nos têm auxiliado a definir bem os graves erros incriminados, têm chegado à nossa mão assignadas por *A Redação da Voz de Santo Antonio:* a quem as havíamos de attribuir? E, se algumas das accusações formuladas no nosso primeiro artigo tinham a base em escriptos assignados, não veiu *A Redação*, nas suas *rétificações*, declarar-se solidária na responsabilidade dos signatários, tentando a defesa dos seus erros?

Mas—já que nos chamaram a este ponto—diremos *agora* que a responsabilidade dos graves erros ensinados pela *Voz de Santo António* vai attingindo mais alguem do que os revs. redactores. Numa ordem religiosa, que deve ser disciplinada, ha, perante os homens e perante Deus, uma solidariedade especial; principalmente da parte dos superiores, que, podendo e devendo impedir os desmandos dos inferiores, apropriam a si a responsabilidade dos resultados das suas condescendências. Aí está a admiravel encyclica contra o modernismo a recordar a taes superiores a *gravissima* obrigação de intervir no assumpto (*«religiosorum moderatores..... grauissime admonemus»*). Ninguem portanto se podia queixar, se, nas accusações contra a redacção da *Voz*, englobássemos, ou algum dia viéssemos a englobar, todos aquelles que no mal têm legítima responsabilidade.

Pesa-nos sincèramente de lançar o descrédito sobre quem tam assignalados serviços tem prestado à Igreja. Mas, vendo o passado tam escandalòsamente desmentido pelo presente, impomos silêncio à voz desse passado para só ouvirmos a da consciência; lembrados, com a Igreja — que tambem condemna homens que algum dia foram della beneméritos— de que o bem no mundo é precário e pode ceder o logar ao mal; e de que, quanto maior tiver sido o bem, maior é o mal: *corruptio optimi pessima*.

Quanto à «triste referência», de que falla o penúltimo parágrapho acima transcripto, concordamos com os revs. Franciscanos: é triste e bem triste, como documento de orgulho offendido, que prefere tudo a reconhecer os seus erros, aínda que elles causem o damno que os da *Voz de Santo António* estám causando à causa cathólica.

Quanto ao último parágrapho transcripto: que «a *Voz de Santo António* nunca combateu o nacionalismo», não o queremos classificar como elle merece. Então a *Voz* nunca combateu o nacionalismo, e nega os seus princípios vitaes e escreve a seu respeito taes coisas, que os mais declarados inimigos delle as reproduzem, as propagam, as lançam em rosto aos nacionalistas para os combater e confundir?

«Quem disser o contrário, não nos soube ler ou não nos entendeu» concluem os grandes escriptores. Oh sublimes espíritos! Peregrinas intelligências! Homens privilegiados! A sociedade para que escreveis é indigna de vós: não ha uma só pessôa que saiba ler e entender a vossa prosa sobrehumana! Oh abatei algum tanto o sublimado vôo dessas alturas em que pairais, para que o acanhamento intellectual da commum progénie de Adão possa libar os luminosos fructos do vosso talento singular!... Nós suppúnhamos que, quando vos não entendíamos, era isso resultado das vossas ideias sem ligação, das vossas incoherências e contradicções de cada linha, do vosso português bárbaro e sem grammática: mas aínda cuidávamos que líamos.

Perdoai-nos, ó altivolos génios da theologia, da lógica, da grammática, a temeridade com que applicamos aos vossos mysteriosos oráculos as correntes leis do pensamento e da linguagem dos mortaes!...

Dizemos acima que *pelo menos* o illustre director da *Voz* se não peja de fazer escandalosa propaganda da imprensa desavergonhada. Não o dizemos, que o não possamos provar: mas é preciso evitar indigestões; e o próximo número de *A Restauração* tambem é número.

*

Esclarecimento

Tendo nós dito, no primeiro artigo que aqui escrevemos contra a *Voz de Santo António*, que este nosso collega tinha recebido prèviamente «advertências particulares», pergunta-nos um prezadíssimo leitor se fomos nós quem fez taes infructuosas advertências. Como é possivel que mais alguem tenha a mesma curiosidade, damos a resposta em público.

Das várias publicações que recebemos, a *Voz de Santo António* é uma das que a falta de tempo nos não permitte que leamos habitualmente. Várias pessôas porém, escandalizadas, nos chamaram a attenção para o número de dezembro passado. Fomos lê-lo, e achamos que aquellas pessôas tinham razão, resolvendo desde logo escrever alguma coisa contra o que lemos. Mas desde logo dissemos que, antes de publicar o nosso artigo, o havíamos de mandar à illustre redacção da *Voz*.

As muitas occupações, que ordinàriamente nos assoberbam, impediram que executássemos aquelle propósito tam cedo como era para desejar. Entretanto as queixas contra a orientação do nosso collega foram-se multiplicando, juntas com a informação de que várias pessôas já tinham representado a sua estranheza perante os revs. padres de Montariol. A respeito dalgumas dessas pessôas foi nominal a informação de que se haviam queixado aos auctores dos erros.

Ficamos entendidos. Se os revs. redactores não fizessem caso de taes advertências, de nada valeria tambem a nossa. Afinal apparece o número da *Voz* correspondente a fevereiro, em que se proseguia no mesmo mau caminho. Julgamos não haver mais pretexto para condescendência, nem razão para o escrupuloso procedimento que havíamos a princípio planeado; e abrimos a campanha.

E tanto eram verdadeiras as informações — aliás fidedignissimas — que tínhamos recebido, que os illustres filhos de S. Francisco, negando, embora sem fundamento nenhum—como se tem visto — as outras accusações do nosso primeiro artigo, nem sequer tocaram no ponto das advertências, que por certo não era dos mais leves; pois mostrava que os graves erros de que os accusávamos não eram resultado de irreflexão, mas de orientação pensada e systemática. E a mesma *Voz de Santo António* confirma agora expressamente a verdade das nossas informações quanto às taes advertências; as quaes nem todas foram (sabemo-lo de sciência certa) tam amaveis como a illustre redacção inculca.

E' claro pois, que, tendo nós taes informações, bem podíamos escusar a supérflua repetição de advertências, que antecipàdamente sabíamos serem inuteis. E aí está o procedimento ulterior dos revs. redactores a justificar a segurança do modo como julgamos.

Por conseguinte, só poderíamos continuar calados, se com o nosso silêncio quiséssemos cooperar para a propagação e radicação dos gravíssimos erros que a *Voz de Santo António*, abusando dos créditos adquiridos e da auctoridade que lhe advem de ser órgão da ordem Franciscana em Portugal, tem largamente semiado, com damnos sensibilíssimos para a causa cathólica.

Accentuamos estas coisas, porque todas têm sua significação para o devido julgamento da contenda: O seu a seu dono.

*

Agradecimentos, etc.

A todas as pessôas que nos têm mandado palavras de applauso e incitamento para esta necessária campanha de verdade, agradecemos cordialmente esta prova da sua solidariedade. Anima-nos ver ao nosso lado tantas pessôas do escol da sociedade cathólica portuguesa.

Incluímos neste agradecimento os nossos collegas da imprensa cathólica que, a propósito desta campanha, nos têm feito amaveis referências, especializando o *Commércio do Minho*.

*

A quem nos tem perguntado se é conveniente devolver a *Voz de Santo António* como protesto de discordancia da sua propaganda, respondemos sem nenhuma sombra de hesitação que entendemos que sim. Apesar de haver quem ha muito esteja à espera desta resposta, adiamo-la até agora: aínda julgávamos que a *Voz de Santo António* se retrataria. Visto ella mostrar-se impenitente na sua perniciosa e escandalosa propaganda, seríamos incoherentes, se déssemos outra decisão. Não é lícito cooperar para o mal.

P.e L. de F.

Sciência religiosa

Os sacramentos da Igreja

CAPÍTULO III

Por que é que Jesus-Christo instituiu os sacramentos?

Podem assignar-se várias razões que determinaram nosso Senhor, em sua soberana sabedoria, a instituir os sacramentos. Ei-las:

1.º Para se accommodar a fraqueza da nossa natureza, que é ao mesmo tempo corpórea e espiritual. O homem não pode julgar das coisas espirituaes senão por objectos exteriores e sensiveis, como já explicamos.

2.º Para nossa consolação, a fim de que tenhamos signaes seguros e faceis, pelos quaes possamos reconhecer que os fructos da sua paixão nos sam applicados.

3.º Para unir todos os membros da sua Igreja por laços exteriores e para lhes dar occasião de professarem a sua fé e se edificarem mùtuamente.

4.º O principal motivo de nosso Senhor foi santificar os homens, isto é, torná-los santos, curando-os de todas as misérias pela virtude da sua graça.

Na verdade, os sacramentos não sam só symbolos exteriores da graça que recebemos pela fé, senão que operam o que significam; isto é, produzem por si mesmos a graça santificante e têm por si mesmos a virtude de santificar os homens, uma vez que se não ponha obstáculo à sua efficácia. Os sacramentos têm pois por effeito directo pôr a alma em estado de graça ou augmentar nella a graça santificante.

Nunca apreciaremos demais a grandeza deste benefício. Foi dado um dia a santa Catharina de Senna contemplar em todo o seu brilho a belleza duma alma ornada da graca. «Aquel-

la belleza é tam arrebatadora,» diz a santa «que quemquer de bôamente daria a vida para conservar esse ineffavel thesouro à alma que tem a dita de o possuïr.»

«Nada mais bello, nada mais brilhante, nada mais precioso,» dizia o padre Brydaine «do que uma alma em estado de graça. Elevai, quanto quiserdes, os vossos pensamentos; dai toda a extensão e a liberdade que quiserdes aos vossos desejos, para encontrar uma belleza que a eguale: nunca lá chegareis. Reüni juntamente tudo o que tem havido, tudo o que jàmais pode haver, no universo inteiro, de bondade, de mérito, de grandeza, de brilho, de belleza, de perfeição: tudo isso não passará de immundície e lama em comparação da suprema belleza duma alma que possue a graça santificante. Essa alma derrama um esplendor tam maravilhoso pela riqueza, pela formosura, pela variedade de seus adornos, que bastaria para eclipsar todo o brilho do sol e para deslumbrar os próprios anjos.» «Oh almas virtuosas!» exclama santa Theresa «se vós pudesseis ver-vos taes quaes sois na posse da graça santificante, e pudesseis comprehender toda a belleza de que sois dotadas e enriquecidas, poderieis acaso decidir-vos a olhar com prazer para alguma das coisas deste mundo? Todas as mais perfeitas creaturas seriam a vossos olhos como horrendos phantasmas. Não morreríeis de alegria quando vos visseis mil vezes mais bellas, do que se só vós possuïsseis todas as bellezas do universo?»

«Oh!» diz aïnda o padre Ventura «se nos fosse dado ver com os olhos do corpo a operação da graça santificante, ao vir tomar na alma penitente o logar que um momento antes nella occupava o peccado, ficaríamos assombrados e transportados num éxtase de alegria e encantos. Apenas o peccador acabou a confissão de suas culpas e recebeu a absolvição dellas, sente que já não é o que era, que uma grande mudança se operou em si e que está renovado em todas as condições do seu ser. O negrume, com que o peccado tinha envolvido a sua alma, desappareceu e mudou-se na brancura das pombas e no brilho da neve. As profundas chagas, que um longo hábito do mal lhe tinha causado, estám curadas e perfeitamente cicatrizadas. Ella era, segundo a expressão dos livros santos, um monte de corrupção; era uma habitação hedionda, que não tinha semelhança senão com o espírito das trevas que a possuïa: e ei-la convertida numa maravilha de graça, num vaso odorífero, numa figura deslumbrante que em esplendor compete com a belleza dos anjos e que reproduz em traços scintillantes a imagem de Deus, que o Espírito Santo nella vem imprimir e aformosear com novos encantos. Tinha perdido o mérito de todas as suas bôas obras, e acaba de o tornar a encontrar maior e mais precioso! Tinha sido despojada de tudo, e ei-la revestida da túnica deslumbrante da innocência e da caridade! Estava enferma, e ei-la sã! estava morta, e da peor de todas as mortes, e ei-la viva da vida ineffavel de que vive o próprio Deus! Era devida aos infernos, e ei-la outra vez em posse de seus direitos à herança do ceu! Era escrava de Satanás, e ei-la sua raïnha, com poder para o esmagar sob a planta! Era inimiga de Deus, odiosa a Deus, objecto da cólera de Deus, e ei-la mudada em sua filha querida, em sua esposa amada, em objecto de todas as suas complacências, da sua ternura, de seus favores e de suas bênçãos!»

Para operar em nós todas estas maravilhas de graças e muitas outras aïnda, é que Jesus-Christo instituïu os sacramentos. Por elles quer o Salvador transmittir-nos os méritos da sua vida, da sua paixão e da sua morte; quer, na nossa peregrinação terrestre, reconfortar-nos por meio dos sacramentos: que crime não é pois desprezar esses dons da sua graça e do seu amor! Encontram-se aqui e àlem, na vasta extensão do mar — diz S. João Chrysóstomo — portos e ilhas, para que os pilotos e os marinheiros possam aí reavivar as fôrças e o ánimo. Do mesmo modo se têm estabelecido, ao longo das estradas, hospedarias, onde os viajantes possam descansar das fadigas do caminho e tomar alimento. Pois tambem Jesus-Christo estabeleceu hospedarias, onde nós os christãos, podemos refugiar-nos no meio das tempestades da vida e encontrar um abrigo seguro e tranquillo. Ali não encontramos só uma hospedaria, mas um amigo, um hospedeiro que não cessa de nos convidar do modo mais affavel, dizendo-nos: «Vinde a mim todos os que estais fatigados e carregados, para vos reconfortardes, para vos refrescardes durante a vossa peregrinação, pelas consolações e pelas graças que vos darei, prestando-vos com toda a abundância torrentes de vida.»

(Continúa.)

Curiosidades

Basilica ao Coração de Jesus. — Em Bruxellas trata-se da construcção duma basilica ao Coração de Jesus, que quasi será a reprodução da de Paris. Será edificada em Koskelberg, arrabalde de Bruxellas, e o plano já foi approvado pelas auctoridades. Terá 110 metros de comprido. Será a mais vasta igreja da Belgica. A torre central terá 139 metros, isto é, quasi a altura da cathedral de Colonia. A basilica terá sete torres. O local onde se fará a construcção tem uma superficie de 3 hectares 32 ares. Comprehende, além do terreno reservado á basilica, as rampas de accesso que a circuitarám. Esta disposição tornará possivel a procissão no proprio terreno da igreja, que é parochial.

Associação. — Nos Estados-Unidos fundou-se uma sociedade contra as doenças. Os adherentes tomam o compromisso formal, segundo os estatutos, de nunca estarem doentes. Aquelles que tiverem pouca energia para observar este compromisso, sam multados. «Todo o membro da sociedade que cair doente e estiver de cama mais de tres dias, será passivel, a primeira vez, duma coima de 1 a 10 dollars; a segunda vez pronunciar-se-ha contra elle a expulsão temporaria, e a terceira vez a expulsão difinitiva». Ha cada maduro neste mundo!

Noticiario

«A Restauração». *Numeros esgottados.* — Tem-nos sido impossivel attender todos os pedidos que se nos têm feito, por parte de novos assignantes e de compradores avulsos, dos numeros 215 e 216 de *A Restauração*, porque se esgottou a nossa tiragem. Como porém os pedidos continuam, vamos proceder à tiragem dum supplemento em que se contenham os artigos que determinam esses pedidos, taes quaes foram publicados naquelles dois numeros.

Deste modo ficam avisados os cavalheiros, a quem não pudemos attender, de que dentro em poucos dias podem ser servidos.

Distribuição de premios. — Realizou-se na passada segunda-feira, na Sociedade Martins Sarmento, a solemne distribuição de premios aos alumnos mais distinctos das diversas escólas officiaes e particulares deste concelho.

Esta festa, por todos os titulos sympathica, foi presidida pelo snr. João Gualdino Pereira, vice-presidente da camara.

Sendo lida uma allocução de abertura da sessão pelo snr. dr. Joaquim José de Meira, presidente da direcção da Sociedade Martins Sarmento, respondeu-lhe com outra allocução o snr. João Gualdino Pereira, na qualidade de representante da Municipalidade Vimaranense, sendo ambos os oradores calorosamente applaudidos.

Em seguida procedeu-se á distribuição de premios, em livros e em dinheiro, aos alumnos de diversas escolas, fazendo uso da palavra, no final os snrs. dr. Fernando Gilberto Pereira; padre Gaspar Roriz; Velloso, representante da Academia Vimaranense; Justino Ferreira, sub-inspector primario; D. Anna de Barros, professora official e Crespo Guimarães, professor official das Caldas das Taipas.

Todos os oradores foram muito applaudidos pela selecta e numerosa assembleia.

O snr. presidente da Sociedade, ao fechar a sessão, leu os seguintes telegrammas que fez expedir:

«A sua Majestade El-Rei. Lisboa — Sociedade Martins Sarmento, em sessão annual, solemne, presidida pelo presidente da camara municipal, estando presente auctoridades, funccionarios, representantes de corporações, membros da imprensa, professores publicos e particulares, muitas outras pessoas mais gradas desta cidade, para fim especial de adjudicar premios em livros e dinheiro alumnos mais distinctos escolas concelho, resolveu testemunhar sua dedicação Vossa Majestade, e affirmar-lhe seu firme proposito de continuar cumprindo rigorosamente sua missão patriotica, promovendo desenvolvimento da instrucção popular concelho de Guimarães.

Ex.mo director geral instrucção publica. Lisboa—Sociedade Martins Sarmento, sessão solemne annual presidida por presidente camara municipal, assistindo auctoridades, funccionarios, representantes corporações, imprensa, professores, muitos alumnos e numerosas pessoas gradas conferiu a 90 alumnos premios, em livros, e 150$000 em dinheiro, sendo esses alumnos das escolas publicas e particulares concelho Guimarães.

Ha 26 annos que esta solemnidade se realisa ininterruptamente.»

*

Os intervallos da sessão foram preenchidos por uma orchestra, sob a regencia do maestro snr. Calixto.

No salão tambem se fez ouvir o hymno da Sociedade, acompanhado a vozes pelas alumnas do Collegio de N. S. da Conceição.

A' porta no sumptuoso edificio tocou a Nova Philarmonica Vimaranense.

Aos alumnos premiados foi offerecido pela ex.ma snr.a D. Maria Martins Sarmento um abundante *lunch*, tendo feito tambem distribuir doces ás meninas que cantaram.

A imprensa estava representada na sessão.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido para assistir a esta festa.

Peregrinação ao Sameiro. — O Circulo Catholico de Sande promove para o dia 25 do corrente uma peregrinação ao Sameiro, commemorando assim o 50.º anniversario das apparições de Nossa Senhora em Lourdes.

Do programma, que temos presente, destacamos o seguinte:

No dia 25, ás 6 ½ horas da manhã, haverá missa e exhortação aos peregrinos, na igreja parochial de S. Lourenço de Sande, pelo rev. Abbade da freguesia Padre Moreira Leite.

Após, seguirá o cortejo pela estrada velha de Braga até proximo da extincta capella de S. Thyago, em Longos; e, daqui, passando junto da capella de S. Thyago, subirá ao Monte da Falperra em direcção á estrada que liga esta solitaria estancia ao Sameiro.

Chegando-se á estrada, será organizada a peregrinação conforme ha de entrar no Sameiro.

Algumas bandas de musica acompanharám os peregrinos, desde S. Lourenço.

No Sameiro, encontrarám os peregrinos os grupos das Folhas soltas e dramatico, annexos ao Circulo Catholico de Braga.

Haverá missa e communhão geral e, depois de algum descanso, devem os peregrinos assistir á missa cantada, na qual prégará, ao Evangelho, o dignissimo presidente do Circulo de Braga Padre Roberto Maciel, o Apostolo fervoroso dos Circulos Catholicos.

Em seguida, S. Ex.a Rev.ma o Senhor D. Manuel, Arcebispo Primás, administrará o Santo Chrisma aos fieis que se hajam preparado para receber este Sacramento.

Terminará este preito de amor á Mãe do Ceu por um solemne Te-Deum.

O Nuncio de S. Santidade concede indulgencias aos peregrinos.

A Restauração. — Prevenimos os nossos estimados assignantes de que vamos proceder, na fórma do costume, á cobrança do semestre corrente.

Esperamos por isso dever a todos a fineza de pagarem logo que lhes sejam apresentados os recibos, para nos evitarem trabalho e despesas superfluas que nos occasiona a sua devolução.

Os snrs. assignantes que pagarem pontualmente esses recibos e queiram ter direito aos brindes que continuamos a offerecer durante o corrente mês aos que pagarem um anno, devem enviar-nos a importancia relativa ao 2.º semestre, recebendo em seguida o brinde, que poderá ser escolhido entre os livros abaixo mencionados.

Alem destes, mais cinco premios offerecemos aos snrs. assignantes que no dia 31 do corrente estiverem em dia com os seus pagamentos, os quaes serám sorteados pela primeira loteria da Santa Casa da Misericordia a realizar no proximo mês de abril.

Para os que houverem pago adiantadamente o anno de 1908 ainda offerecemos um outro brinde

600$000 reis

se a sorte lhes fôr favoravel, proveniente de um vigesimo da loteria acima mencionada, cujo numero indicaremos logo que o adquirirmos.

Para a recepção da parte deste premio que a cada um couber não exigimos sacrificio de especie alguma, pois que bastará ser apresentado o recibo que prove o pagamento adiantado da assignatura, e nada mais.

Para os outros, que serám distribuidos á sorte, começamos desde já a numerar os exemplares dos snrs. assignantes que já pagaram, pois que, para a entrega dos brindes, se exige a apresentação na administração do nosso semanario — Typographia Minerva, rua de Payo Galvão — dos exemplares que tiverem numeração egual áquella em que sairem os cinco primeiros premios da referida loteria.

Estes premios constam do seguinte:

Para o possuidor do numero em que sair a sorte grande, *1 lindo passe-partout* com a mesa dos apostolos, em colorido.

Para a immediata, *1 tinteiro metalico para escriptorio.*

Para o 3.º premio, *1 descanso para canetas.*

Para os dois premios de 200$000 reis, *1 caneta com cabo de madreperola* e *1 limpa pennas.*

A distribuição destes premios não evita que recebam tambem os livros que offerecemos, que podem ser escolhidos entre os seguintes:

Os Beneficios da Confissão, por F. J. d'Ezerville, acommodação portugueza do P.e José Lopes Leite de Faria. Um elegante volume de 60 paginas, em 8.º, cartonado.

As Bem-aventuranças Evangelicas *postas ao alcance de todos* pelo P.e Deville, Doutor em Theologia, traduzidas pelo Padre José Lopes Leite de Faria. Um elegante volume de 64 paginas, em 8.º, cartonado.

Conselhos sobre a educação, segundo o Venneravel Sarnelli, accommodação portugueza do P.e José Lopes Leite de Faria. Um elegante volume de 110 paginas, em 8.º, em brochura.

*

Aos snrs. assignantes que ainda se acham em debito do anno findo rogamos a fineza de mandarem satisfazer o mais breve possivel, para podermos regularizar a nossa escripturação.

Suffragios

No dia 2 de março corrente, celebrou o Centro Nacionalista Regional de Ronfe suffragios pelas almas de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Carlos I e de Seu Augusto Filho Sua Alteza Real o Senhor D. Luís Filippe.

Esses suffragios constaram de officio solemne de defuntos, presidido pelo rev. P.e Elias Gomes, presidente do Centro, e de missa solemne de *Requiem* celebrada pelo mesmo presbytero, terminando tudo pelo *Libera-me* cantado.

Ao rev. e prestadio clero assistente, e em especial ao incansavel parocho de Ronfe rev. Manuel Esteves Escolar, a todas as corporações, que estiveram presentes, e em geral a todos os que concorreram com os seus serviços ou assistencia, para a conhecida e recta significação do acto, aqui fica publica e sinceramente consignado o indelevel reconhecimento do Centro.

A commissão central,

P.e Elias Gomes
P.e Antonio Torrinha
Abbade de Brito
Abbade de Airão.

Ronfe, março de 1908.

Annuncios

Annuncio
ARREMATAÇÃO

(2.ª Publicação)

No dia 22 de março proximo, ao meio dia, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua das Lamellas, desta cidade, por virtude de carta precatoria vinda da comarca de Ponte do Lima e extrahida do inventario de maiores a que alli se procede por fallecimento de Dona Maria Antonia da Conceição Rola, casada que foi com Domingos de Freitas Guimarães, escrivão e tabellião que foi na mesma comarca, e no qual é inventariante Dona Ambrosinda Maria da Madre de Deus Freitas, casada com Antonio José Alves, notario na comarca de Vianna do Castello, serám postos em praça, para serem arrematados em globo pelo maior preço offerecido, sobre o valor de um conto e duzentos mil reis, os seguintes bens:

A quinta chamada da Erdade, situada na freguesia de Santo Estevão de Urgezes, desta comarca, composta de casas de habitação sobradadas e telhadas com um lagar nos baixos da mesma, cortes, casas para caseiros, quinteiro, uma pequena casa terrea e telhada fora do portal, terreno e campo lavradio com arvores de vinho e fructa, agua de rega e tanque de pedra, alpendre telhado e eira ladrilhada. E' de natureza de praso.

A leira chamada da Cruz, situada na mesma freguesia, terra lavradia, com arvores de vinho e poço de agua. E' de natureza de praso.

A leira chamada da Carreira ou Erdade, situada na mesma freguesia, terra lavradia com arvores de vinho. E' de natureza de praso.

Se o arrematante pagar por inteiro a contribuição de registo, antes de depositar o preço da arrematação, ser-lhe-ha descontada no deposito, metade da importancia total da contribuição que pagar.

Pelo presente sam citados quaesquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem querendo os seus direitos.

Guimarães, 27 de fevereiro de 1908.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,
S. Leal.

O escrivão do 3.º officio,
Armando da Costa Nogueira.

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, renda, abertos, mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Novos catalogos com grande reducção de preços

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOK & C.ª

SUCCURSAES

Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães — Avenida do Commercio.

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranense—Rua de Payo Galvão—Guimarães

Os beneficios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.mo Arcebispo Primás.

Um volume de 60 páginas, em 8.º:

Em brochura . ... 50 reis
Cartonado ... ... 100 »

As Bem-aventuranças evangelicas *postas ao alcance de todos,* pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.mo Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas, em 8.:º

Em brochura . ... 50 reis
Cartonado ... ... 100 »

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.mo Arcebispo Primás.

Um volume de 112 páginas, em 8.º:

Em brochura . ... 100 reis
Cartonado ... ... 160 »

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

A Biblia—*Questão Vital,* pelo Padre Bento José Rodrigues, com approvação da auctoridade ecclesiastica.

Um volume de 48 páginas, em 8.º:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio .. ... 60 »

Officio da Immaculada Conceição, texto português, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:

Preço ... ... 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares.. 10 »

A Cruz Alliviada *ou motivos de consolação nos trabalhos,* do P. Piamonti, S. J., versão portuguesa por um professor da Escola Apostolica da SS. Trindade, com licença da auctoridade ecclesiastica.

Um volume de 112 páginas, em 16.º grande:

Em brochura . ... 120 reis
Pelo correio .. ... 130 »

Burgueses e Operarios, *dialogo entre um socialista e um homem de bem.* (Versão do francês).

Um volume de 118 páginas em formato elegante:

Preço ... ... 80 reis
Pelo correio ... ... 90 »

Um passeio a Vizella e Guimarães, por José Victorino Pinto de Carvalho.

Um volume de 134 páginas:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio .. ... 60 »

Educação—Compendio de civilidade para meninas, coordenado pelo Rev. Padre A. de Menezes, contendo o seguinte

SUMMARIO: I—O que é educação. II—O que exige a educação. III—Formação intellectual. IV—Formação do coração. V—Formação da consciencia. VI—Formação do caracter. VII—Deveres para com Deus. VIII—Deveres para comsigo proprio. IX—Deveres para com o proximo. X—*Civilidade:* Tratamentos. — Cartas. — Conversação. —Visitas.— Baptisados. — Jantares.—Honras funebres.—Reuniões.—Recreações.—Encontros.

Um volume de 80 pag. elegantemente cartonado, titulos dourados, cantos redondos, folhas vermelhas.

Preço ... ... 100 reis
Pelo correio .. ... 110 »

Um chefe de estado, por D. Gabriel Garcia Moreno, presidente da Republica do Equador. Versão portuguesa por A. de Faria Barros.

Elegante brochura ornada com o retrato do heroe.

Preço ... ... 100 reis
Pelo correio .. ... 110 »

Nem de mais nem de menos, romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 168 páginas, em 8.º:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio .. ... 60 »

Vida breve e popular de D. João Bosco, por P. J. B. Francesia.

Um volume de 412 páginas, em bom papel e nitida impressão:

Preço ... ... 400 reis
Pelo correio .. ... 450 »

Izabel, por Dorothea de Boden, Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.º:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio .. ... 60 »

A Dictadura, por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:

Preço ... ... 250 reis
Pelo correio .. ... 270 »

O almocreve das petas, por Spiritus Asper.

1.º volume, com 128 páginas, em 8.º:

Preço ... ... 80 reis
Pelo correio .. ... 100 »

Todas as requisições devem ser acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serám attendidas.

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Sellos para collecções.—Nacionaes e estranjeiros, em cartas com 25 sellos, desde 20 reis, e em pastas, avulso, de diversos preços, a começar em 5 reis cada um.

Ha grande variedade.

Estampas religiosas.—Coloridas, *lembranças de 1.ª communhão,* para meninas e meninos, registos com diversas imagens, tudo a preços modicos.

Sendo as encommendas avultadas fazem-se descontos vantajosos.

Bilhetes postaes illustrados.—Coloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

ESTABELECIMENTO
—DE—
Antonio de S. Boaventura Mendes Guimarães
63, 65—Rua de Gil Vicente—67, 69
GUIMARAES

Neste estabelecimento, além de muitos outros artigos, encontram-se á venda bancas de lousa de diversos tamanhos; redomas de vidro, imagens e artigos religiosos; grande variedade de papeis pintados em bonitos gostos, para forrar salas, bem como guarnições combinadas para os mesmos, de que acaba de receber grande sortido.

Os preços sam os mais limitados possivel.

Obras primas de litteratura portuguêsa

Nova edição completa dos

Sermões

DO

Padre Antonio Vieira

Edição popular, em 15 volumes, cuidadosamente revista, comprehendendo toda a obra oratoria do genial prégador.

Publicação por assignatura a volumes—Edição impressa nitidamente e em bom papel.

Por assignatura, a 500 réis cada volume brochado e 700 réis encadernado.

Depois de completa será augmentado o preço da obra, não se vendendo volumes avulsos.

Sairá um volume mensalmente e já está publicado o quinto.

Recebem-se assignaturas em casa dos editores.

Livraria Chardron, de Lello & Irmão

Rua das Carmelitas, 144

PORTO

P.e G. Bouffler

DA COMPANHIA DE JESUS

—

Amor e Reparação

A primeira sexta-feira do mês

EXERCICIOS

EM HONRA DO S. C. DE JESUS

Versão do francês pelo Padre Anselmo Gonsalves.

Um elegante volume, em 8.º inglês, de X—520 páginas, optima impressão e bom papel

Preço ..... 500 reis
Pelo correio..... 530 »

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos ao traductor e editor, *Padre Anselmo Gonsalves* — Arcos de Valdevez.

GRANDE

Cathecismo Catholico

Sua explicação clara e fundamental

COM EXEMPLOS ESCOLHIDOS E ADAPTADOS A CADA MATERIA

Obra muito util para os reverendos parochos, para o clero e seminaristas, assim como para os professores de instrucção primaria, directores de collegios, e em geral para todos os catholicos e familias christãs que desejam ter conhecimento claro das grandes verdades da Religião

PELO

PADRE JOSÉ DEHARBE

DA COMPANHIA DE JESUS

TRADUZIDO EM VERNACULO

PELO PRESBYTERO

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto, com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Examinador Pro-synodal, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe «Pro Ecclesia et Pontifice» e redactor da «REVISTA CATHOLICA».

E' verdadeiramente monumental a obra que vamos reeditar — o famoso Cathecismo do celebre e doutissimo Jesuita Allemão, o rev. Deharbe.

Esgotada a primeira edição, e continuando a receber frequentes e instantes pedidos tanto de Portugal como do Brazil e das Indias, e reconhecendo por outro lado os fructos incalculaveis que ham de resultar da divulgação desta obra que é um riquissimo thesouro de sciencia theologica popular ao alcance de todas as intelligencias, não hesitamos um momento em fazer uma nova edição que esperamos em Deus terá o mesmo exito da primeira, que dentro de pouco tempo se esgotou.

O Cathecismo de Deharbe é, pelo seu methodo maravilhoso, pela clareza na exposição da sua doutrina, pela vastidão dos conhecimentos theologicos do seu auctor, uma obra indispensavel a todos os reverendos sacerdotes, parochos, prégadores, catechistas, aos directores e directoras de collegios, e aos chefes de familia, para lhes servir de guia na explicação da doutrina catholica, quer no ensino da catechese tanto dos pequenos, como especialmente de adultos, quer para as homilias ao povo, para sermões e conferencias.

Crêmos que neste genero não ha obra mais completa e mais bem acabada.

A' explicação desenvolvidissima de todas as verdades christãs e genuinamente catholicas, accrescenta exemplos numerosos que compendiam e tornam claras e palpaveis as verdades mais augustas e sublimes da religião, sendo alem disso aquelles exemplos um estimulo, para a prática de todas as virtudes que enaltecem e santificam o christão.

E' tal o merecimento desta obra monumental que tem sido vertida para as principaes linguas da Europa.

Consta de quatro grossos volumes, impressão nitida e em magnifico papel, e a sua distribuição será feita aos fasciculos de 80 paginas pelo preço de **160 reis.**

A primeira caderneta vai ser brevemente distribuida aos numerosos assignantes, continuando aberta a assignatura ás cadernetas e aos volumes. Todos os pedidos devem ser diridos á

Empresa da *Revista Catholica* (Vizeu).

Agencia Nacional Simões de Lima

REGISTADA—FUNDADA EM 1889

Rua de S. Julião, 142—1.º

LISBOA

Continua a incumbir-se de negocios dependentes das secretaria des Estado, etc., taes como: encartes, apostillas, quitações, diplomas de titulares, cauções para recebedores, arrecadações de espolios, cumprimento de deprecadas, legalisação de documentos no ministerio dos estranjeiros, marinha e consulados, averbamento de inscripções, etc., publicação de annuncios judiciaes no *Diario do Governo,* obtenção de documentos, encommendas, compra ou venda em particular de propriedades, seguros, etc.

Boas referencias, promptidão e preços modicos.